
Os dados e o vírus: uma análise da cobertura jornalística com base em dados na pandemia da COVID-19¹

Matheus NASCIMENTO²

Patrícia LIMA³

Centro Universitário Estácio de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O presente artigo analisa como o uso do Jornalismo de Dados na cobertura da pandemia da COVID-19 é uma das possibilidades de formato jornalístico para apresentar bases de dados e permitir o acompanhamento das informações, que possibilita ao receptor aproximação e entendimento, neste caso, da evolução da contaminação pelo mundo e pelo País. Por meio de construção de narrativas gráficas e de visualização, o JD, como destaca Stray (2016), é um processo produtivo que quantifica, analisa e comunica, com o objetivo de gerar dados que auxiliem nas conclusões que o público em geral pode chegar. O artigo aborda a cobertura jornalística de dados e suas possibilidades, recursos e construção de narrativa com bases em dados digitais e os desafios de coberturas em tempos de pandemias, por meio de uma abordagem qualitativa descritiva.

PALAVRAS-CHAVE: Banco de dados; pandemia; jornalismo de dados; dados digitais.

INTRODUÇÃO

O cenário atual apresentado pela pandemia da COVID-19 causou mudanças significativas em vários setores das nossas vidas, e um que certamente merece destaque é o campo profissional. Algumas atividades profissionais desaceleraram e outras têm vivenciado um processo de potencialização. Podemos dizer que, mais do que nunca, o jornalismo foi uma das atividades profissionais que se tornou essencial. O ritmo acelerado para trazer informações atualizadas e de fácil entendimento para o público colocou a profissão em lugar de credibilidade e principal fonte de informação para a

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Especialista em Comunicação e Marketing para Mídias Digitais pelo Centro Universitário Estácio de Brasília, e-mail: matheusnascimento.jor@gmail.com.

³ Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professora e Coordenadora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Estácio de Brasília. e-mail: patricia.mlima@estacio.br

sociedade. Nesse sentido, vale destacar o Jornalismo de Dados (JD), que ganhou força na cobertura diária da pandemia.

Por meio do uso de recursos e tratamento informacional, o JD passou a trazer informações diárias em que a visualização e a infografia, por exemplo, são formatos importantes para compreender os números e taxas diárias de acompanhamento da situação da pandemia no Brasil e no mundo. Com isso em mente, neste artigo, analisamos a cobertura jornalística em tempos de COVID-19 na perspectiva do Jornalismo de Dados.

A proposta é apresentar como o JD se destaca nesse processo quando se trata da cobertura dos dados e como o jornalismo de forma geral desempenha papel relevante em momentos de crises mundiais. O artigo aborda em seu desenvolvimento, a cobertura jornalística no contexto do Jornalismo de Dados, os recursos e narrativas da construção produtiva no JD e os desafios enfrentados pelo jornalismo de forma geral quando se trata de coberturas em tempos de pandemias. Na análise, identificamos a construção de narrativa nas coberturas sobre COVID-19 em dois veículos nacionais e outros dois internacionais, em que evidenciamos o uso de recursos próprios do JD dentro de uma cobertura que busca tornar as informações mais compreensíveis para os receptores.

A COBERTURA JORNALÍSTICA E O JORNALISMO DE DADOS

Falar do Jornalismo de Dados em seu processo histórico e quadro teórico é apresentar variadas angulações que vão desde a inserção do computador nas redações, até o aprimoramento tecnológico e de visualização nas produções jornalísticas. A linha de contexto do surgimento do Jornalismo de Dados passa pelos estudos de Philip Meyer na década de 1960. Meyer foi um dos primeiros a adotar o conceito de Jornalismo de Precisão, que consistia na utilização de computadores, associada a métodos das Ciências Sociais, para reduzir as chances de erros na produção de reportagens. O conceito se desenvolveu ao longo do tempo e na década de 1990 tivemos o surgimento do termo Reportagem com Auxílio de Computador (RAC). Deve-se destacar que agora estamos falando sobre a navegação e a busca de informações na Internet, e a utilização de planilhas de cálculo e de bancos de dados.

O pioneirismo de Meyer aponta ou abre caminhos para discussões sobre como técnicas jornalísticas aliadas à utilização de bancos de dados, navegação, entre outros

mecanismos possibilitam aos jornalistas realizarem coberturas jornalísticas, produção de reportagens que apresentam conteúdo bem explorados e de entendimento fácil do público. Bradshaw (2012) afirma que as novas tecnologias fornecem ferramentas, processamento, análise e automatização das informações para realizar associações complexas entre uma grande gama de material informacional, e o Jornalismo de Dados tem atuação nesse contexto. Nesse âmbito, pensar as grandes coberturas e reportagens no contexto atual nos faz compreender como Jornalismo de Dados possibilita acesso ou tomada de conhecimento do público de temáticas que certamente seriam complexas demais para compreender sem o tratamento e produção por meio das técnicas desse tipo de jornalismo.

O final dos anos 2000 marca a linha histórica do Jornalismo de Dados, que inicia o processo de se estabelecer nas redações de jornais americanos e europeus. Inicialmente como uma das principais estratégias de parte da imprensa para tentar recuperar sua audiência, que vinha sofrendo quedas (TRÄSEL, 2012). Junto a isso, a popularização de ferramentas para criação de visualização e, principalmente, a adoção de políticas de acesso à informação e de transparência por parte de diversos governos pelo mundo. No Brasil o movimento *open data* é marcado pela adoção da Lei de Acesso à Informação (LAI), publicada em 18 de novembro de 2011, que entrou em vigor em 16 de maio de 2012. Essa lei regulamenta o direito constitucional de acesso a informações públicas, sendo consideradas informações quaisquer tipos de dados, processados ou não, que possam ser utilizados para a produção e a difusão de conhecimento, estando registrados em quaisquer suportes ou formatos. Podemos dizer que LAI é um marco para o Jornalismo de Dados no Brasil e produções que se destacam em coberturas jornalísticas, em que informações públicas de órgãos e entidades governamentais e entidades privadas sem fins lucrativos ganharam destaque na imprensa nacional

As coberturas jornalísticas se destacam nesse processo, pois, como afirma Howard (2014), é possível mapear relações de influência e de poder, determinar algumas tendências a partir de padrões encontrados nos dados. Para o autor, jornalistas capacitados são capazes de fazer poderosos trabalhos de investigação e cobertura, integrando Ciência da Computação e Estatística. Essas áreas aliadas a décadas de aprendizado em Ciências Sociais podem atribuir significados para grandes conjuntos de dados. Ainda para Howard (2014), as ferramentas disponíveis, aliadas ao movimento

dos dados abertos, transformaram as possibilidades que as redações têm de investigação, o que viabiliza o Jornalismo de Dados. Essa realidade permite transformações na descentralização do monopólio da produção de dados primários das mãos do governo e de institutos de pesquisa. Isso traz, por meio da cobertura jornalística de dados, o acesso e conhecimento também por parte do cidadão sobre dados governamentais e mais consciência do que tem sido feito pelos governantes. Nesse sentido, Träsel (2014), afirma que o Jornalismo de Dados "é uma forma de ampliar a capacidade do jornalismo para a investigação de acontecimentos e problemas sociais, com vistas ao cumprimento de sua função de fiscalização das instituições democráticas em nome do interesse público" (TRÄSEL, 2014, p. 15).

Partindo do pensamento de Träsel (2014), quando destaca a capacidade de ampliação para a investigação e fiscalização que o JD traz, podemos observar esse processo no contexto da perspectiva que aqui apresentamos. Em momentos em que governos tentam esconder ou ludibriar a realidade dos dados – como vivenciamos durante a cobertura dos casos de COVID-19 no Brasil – o JD pode trazer panoramas diferentes, pode esclarecer os dados e ajudar na fiscalização. Os recursos utilizados são, nesse âmbito, elementos primordiais para construção das narrativas de fácil entendimento por parte dos receptores de assuntos mais complexos e que envolvam grandes quantidades de dados. Vale salientar que, assim como qualquer prática jornalística, as informações merecem um olhar de desconfiança e de boa apuração. No Jornalismo de Dados a regra é a mesma, pois a fonte pode não ser declaratória, mas os dados vêm muitas vezes destas mesmas fontes e merecem um bom trabalho de checagem e limpeza das bases. Nesse sentido, no próximo tópico, apresentamos um panorama sobre os recursos e narrativas em coberturas jornalísticas de dados.

RECURSOS E NARRATIVAS DA COBERTURA JORNALÍSTICA DE DADOS

Falar em Jornalismo de Dados é também falar sobre o surgimento de novos formatos, recursos e narrativas no fazer jornalístico. A grande quantidade de dados digitais trabalhada em produções feitas com base no JD exigiu que profissionais da área buscassem novas formas de contar suas histórias. Nesse sentido, Bradshaw (2012) diz que, no Jornalismo de Dados, os dados podem ser tanto a fonte da notícia, quanto as ferramentas utilizadas pelos profissionais na produção, ou ambos. Aplicando os recursos

do JD, jornalistas podem criar narrativas interativas utilizando infográficos interativos e até mesmo utilizar recursos que permitam a contextualização da história à realidade do leitor.

Mancini e Vasconcellos (2016) propõem uma diferenciação entre as narrativas jornalísticas construídas com dados e o que é definido como o Jornalismo de Dados. Para os autores, no JD os dados são a própria razão da história, enquanto no jornalismo com dados eles servem como suporte visual da narrativa. Isto posto, podemos inferir que no âmbito do JD os dados digitais ganham um peso muito maior, uma vez que sem eles as histórias sequer existiriam.

Ainda sobre os dados digitais, Legrand (2010) diz que a grande quantidade de dados que são colocados on-line diariamente por empresas, governos, organizações e indivíduos trazem novos desafios aos jornalistas, uma vez que os usuários estão cada vez com menos tempo para consumir uma quantidade cada vez maior de conteúdo, o que dificulta conquistar atenção. Assim, a programação e o design, por exemplo, permitem que profissionais criem narrativas interativas e não-lineares, que têm mais chances de se destacar no oceano de informações colocadas online a todo momento.

Mais do que apresentar novas ferramentas para trabalhar a informação jornalística, o Jornalismo de Dados trouxe novas perspectivas à profissão, principalmente quando pensamos em coberturas jornalísticas. Temas vinculados à prestação de contas, transparência, entre outros podem ser tratados por meio de recursos que façam o receptor entender informações que se encontram em bases de dados que, embora acessíveis a qualquer pessoa, não são de fácil compreensão em seu formato bruto. Assim, o tratamento das bases de dados com o apoio de *softwares*, ferramentas de filtragem e processamento de dados, aliados ao trabalho estáticos e de visualização são alguns dos recursos que, dentro do JD, auxiliam na cobertura jornalística e desenvolvimento de narrativas que sejam interessantes e façam o leitor compreender e se envolver com a história.

DESAFIOS DE COBERTURAS JORNALÍSTICA EM PANDEMIAS

Historicamente, cobrir situações de crise é um grande desafio para qualquer jornalista; e esse desafio ganha uma nova dimensão quando falamos em cobertura de crises na saúde pública, em especial com doenças altamente infecciosas em cena.

Seguindo os preceitos do bom jornalismo, o jornalismo especializado em saúde deve prezar pela clareza e objetividade das informações, de modo a atingir o grande público (OLIVEIRA, 2007). No contexto da cobertura jornalística em pandemias, profissionais da área se deparam com desafios que vão desde a forma de contatar fontes até soluções para dialogar os diversos discursos sobre o mesmo tema. Nesse sentido, Kucinski (2001, p.301) argumenta que “o problema do jornalismo em saúde coletiva não é a falta de informação, mas seu excesso e dialogar criticamente com vários discursos da saúde: o discurso médico, o discurso científico, o discurso do Estado, cada qual em sua própria lógica”.

Tendo em mente as dificuldades intrínsecas à cobertura jornalística em saúde, é importante considerar também os contextos sociais e tecnológicos em que elas acontecem. Há pouco mais de 100 anos, em 1918, o mundo vivenciava o episódio da pandemia que ficou conhecida como a gripe espanhola. Nesse período, o fazer jornalístico acontecia basicamente por meio de publicações impressas e, de acordo com Braga e Mazzeu, cerca de 65% da população brasileira era analfabeta, o que comprometia a efetividade da comunicação. Para além das limitações tecnológicas da época, o fazer jornalístico era altamente influenciado por interesses políticos, o que contribuiu para a propagação do caos e da desconfiança na época. Barry (2020, p.514) diz quem “em 1918, as mentiras das autoridades e da imprensa nunca permitiram que o terror se tornasse real. O público não podia confiar em nada, então não sabia de nada”.

Dando um salto no tempo, na década de 1980 o vírus causador da Aids, o HIV, se espalhou rapidamente entre as pessoas em diversos países e, levando em conta a gravidade da doença, deixou o mundo em estado de alerta. Tendo em vista que, de acordo com Brito, Castilho e Szwarcwald (2001, p.209), “no início da epidemia, o segmento populacional constituído dos homens que fazem sexo com outros homens — homossexuais e bissexuais — foi o mais atingido”, a narrativa construída pela imprensa da época sobre esse episódio tendenciou para um discurso que contribuiu com a marginalização da comunidade LGBTQIA+. Meneghin (1996, p. 401), diz que “esta situação desencadeia, nas pessoas, mecanismos que culminam com comportamentos de rejeição e atitudes discriminatórias que são demonstradas através da expressão de vários sentimentos”.

O discurso da imprensa durante a cobertura do surto de Aids nos anos 1980 era muito alinhado aos interesses de grupos religiosos. Para Brito e Rosa (2018, p. 774), “o jogo político da Igreja nos jornais, não se restringiu em montar um esquema de ataques, mas utilizou da doença para sustentar seus próprios preceitos a partir de um determinado conceito de família”. Como nessa época os meios de comunicação de massa, principalmente rádio e TV, já eram mais populares e acessíveis, e a sociedade era bem mais alfabetizada do que durante a pandemia de 1918, a narrativa construída ganhou caráter universal e foi criado um imaginário coletivo em relação ao tema que reverbera até hoje.

Já durante o século XXI, em um contexto de desenvolvimento das mídias digitais e popularização da Internet, a epidemia da Influenza A (H1N1) ganhou destaque em portais on-line, que exploravam a multimídia para construir narrativas que fossem atrativas para o público. A apuração jornalística também ganha uma nova dimensão quando pensamos no contexto dessa epidemia, uma vez que havia uma preocupação em relação às formas de contaminação. Langbecker et al. (2019, p.4) dizem que “o enfoque da cobertura sobre a epidemia da gripe H1N1 centrou-se no pânico, risco e medo relacionados à doença”.

Finalmente, em relação à pandemia do novo Coronavírus, ainda em curso em todo o mundo até o fechamento deste artigo, verificamos uma exploração ainda mais ampla dos recursos oferecidos pelas mídias digitais, principalmente com o uso de base de dados. Os caminhos que têm sido seguidos pela imprensa, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, serão abordados na análise, dentro da perspectiva da potencialização do uso de novos recursos frente a situações de crise, como na cobertura feita por veículos que trabalham com JD.

O JORNALISMO DE DADOS NA COBERTURA DA COVID-19

A proposta aqui apresentada é uma análise da cobertura do JD durante a pandemia da COVID-19. Identificamos por meio das produções de quatro jornais, dois brasileiros e dois estrangeiros, a construção jornalística no que se refere aos recursos utilizados, estrutura e tratamento informacional a partir de bases de dados digitais. Adotamos aqui uma abordagem qualitativa descritiva. Para Godoy (1995) a abordagem qualitativa auxilia na compreensão dos fenômenos e dos processos das atividades que

podem envolver contextos produtivos e profissionais. A escolha da abordagem qualitativa parte da preocupação em discutir, a partir da análise, como o Jornalismo de Dados diante do cenário do Coronavírus contribui com a cobertura jornalística.

Logo no início da pandemia do novo Coronavírus, em março de 2020, uma reportagem publicada pelo Washington Post sobre os prováveis cenários de evolução da contaminação viralizou na Internet. Trata-se de uma simulação sobre o surto do vírus, sua rápida proliferação e como seria uma possível evolução da curva de contágio. Logo outras iniciativas de produções de JD pelo mundo também ganharam destaque na cobertura da pandemia. Assim, partimos do pressuposto que a construção jornalística de dados para cobrir a profusão de informações sobre o acelerado contágio do vírus se tornou um dos formatos importantes na cobertura jornalística de maneira geral.

O uso de recursos, como a visualização de dados para monitorar os números de casos, crescimento da curva de contágio e proliferação por espaço geográfico, por exemplo, foram explorados tanto por veículos que genuinamente trabalham com produções de dados, como por veículos que não são focados nesse tipo de jornalismo. Na perspectiva da proposta deste artigo, realizamos uma análise das produções de dois jornais nacionais (Nexo e Estadão) e dois internacionais (Washington Post e Financial Times). A ideia é identificar e analisar como os quatro jornais realizaram, por meio de recursos e construção narrativa de JD, suas coberturas no contexto da COVID-19.

Uma das produções que destacamos no contexto nacional foi a do Jornal Nexo, que no dia 30 de março publicou uma matéria intitulada “A evolução dos casos de COVID-19 nos municípios brasileiros”⁴, uma das iniciais na série de cobertura sobre a pandemia no Brasil. A produção traz a evolução dos casos por município ao longo do tempo, ou seja, desde a chegada do vírus no país. Com uso de visualização de dados e infografia a narrativa apresenta os números de crescimento da COVID-19 por taxa de casos confirmados, considerando a população total de cada município. A base de dados utilizada pelos jornalistas Lucas Gomes e Gabriel Maia foi Brasil.IO⁵, repositório de dados públicos, que coleta diretamente o número de infectados pelo vírus das secretarias

⁴ <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2020/04/30/A-evolucao-dos-casos-de-covid-19-nos-munic%C3%ADpios-brasileiros>

⁵ <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2020/04/30/A-evolucao-dos-casos-de-covid-19-nos-munic%C3%ADpios-brasileiros>

estaduais de saúde. Ao interagir com o mapa do Brasil, o receptor pode acompanhar o surgimento dos casos em cada município. Com recursos básicos e linguagem simples, a narrativa consegue apresentar informações que têm uma base de dados de grande quantificação e que o cidadão comum não conseguiria compreender facilmente, possibilitando acesso à evolução dos casos do vírus no Brasil. No dia 09 de março, em outra produção, o jornal trazia a evolução por estados brasileiros, também construída com base em tratamento de banco de dados, visualização e infografia. Na cobertura realizada pelo Nexo, o receptor consegue interagir com a informação e compreender como o número de infectados em amostragem por município cresce e quais as regiões com a maior taxa de crescimento de infecção, o que possibilita monitoramento da parte da população.

Figura 1 - o nexo utiliza diversos gráficos para apresentar a situação da pandemia no Brasil



Fonte: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2020/04/30/A-evolucao-dos-casos-de-covid-19-nos-munic%C3%ADpios-brasileiros>

O Estadão lançou, para a cobertura da COVID-19, um especial Coronavírus dentro da editoria de saúde. Com produções jornalísticas com uso de dados, que utilizam recursos como gráficos, visualização, infografia e mapas, é possível acompanhar uma cobertura da pandemia no Brasil. No dia 02 de abril, em seu especial de cobertura, o Estadão publicou a matéria “Mapas e gráficos mostram avanço do novo Coronavírus no mundo e no Brasil”⁶, o objetivo foi trazer os números da pandemia. Para isso, mapas e gráficos interativos foram produzidos, nos quais é possível acompanhar a proliferação do vírus por continentes e posterior por estados brasileiros. No mapa do Brasil, o receptor pode acompanhar ao vivo os números sobre a pandemia no País. A atualização dos dados é feita diariamente. Hiperlinks também são utilizados, possibilitando acesso a outros materiais sobre a temática e a base de dados utilizadas para a produção da referida matéria foi o Centro de Ciência e Engenharia da Universidade Johns Hopkins.

O Estadão, assim como o Nexa, apresenta uma construção jornalística de dados baseada em recursos de tratamento, raspagem e visualização, possibilitando a interpretação das informações de forma simples a quem consome as produções dos jornais. Seguem uma série de métodos de conteúdos de Jornalismo de Dados como destaca Stray (2016). Para o autor o processo produtivo de JD deve conter três etapas. São elas: quantificação, análise e comunicação. A primeira etapa se refere à criação de dados, que é um processo elaborado que envolve humanos, máquinas, ideias e realidade. A segunda é referente à compreensão do que esses dados significam. Por último, a terceira etapa é a divulgação dos dados e das conclusões a que se chegou para o público em geral. Podemos perceber que os jornais brasileiros seguem o processo evidenciado pelo autor, valendo destacar que para Stray (2016) o produto final de todo esse processo depende do que os jornalistas decidiram contar, das técnicas utilizadas para interpretar os dados, e de como eles decidiram apresentar os resultados.

No contexto internacional, a reportagem intitulada “Porque surtos como o do Coronavírus crescem exponencialmente e como ‘achatar a curva’”⁷ (Why outbreaks like coronavirus spread exponentially, and how to “flatten the curve”), publicada no site do

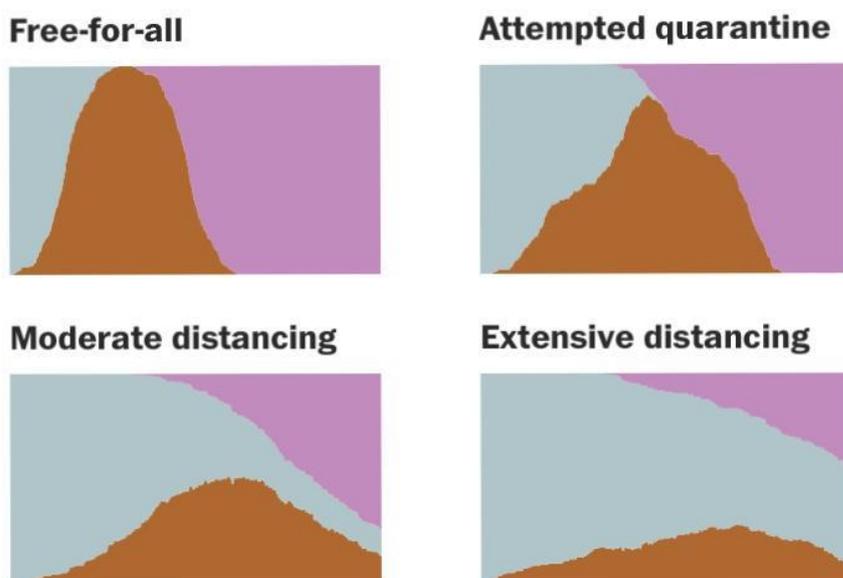
⁶ <https://brasil.io/covid19/>

⁷ <https://www.washingtonpost.com/graphics/2020/world/corona-simulator/>

jornal norte-americano Washington Post em março de 2020, pelo jornalista Harry Stevens, utiliza dados do Centro de Ciência e Engenharia da Universidade Johns Hopkins para projetar quatro possíveis cenários da evolução da pandemia do novo Coronavírus nos Estados Unidos.

Os dados, disponibilizados em sua forma bruta para download na plataforma GitHub, foram transformados em animações que simulam como o vírus infectaria as pessoas dentro de quatro perspectivas: sem nenhuma medida de contenção; com tentativa quarentena; com distanciamento moderado; e com distanciamento extensivo. O recurso visual das animações serviu de insumo para que o jornalista pudesse analisar e comentar, com base em entrevistas com especialistas da área, o que muito se especulava no início da pandemia: quão problemático seria se todas as pessoas se infectassem de uma só vez.

Figura 2 - o Washington Post utilizou bases de dados para gerar animações que proporcionaram uma visualização didática de quatro possíveis cenários da evolução da pandemia



Fonte: <https://www.washingtonpost.com/graphics/2020/world/corona-simulator/>

A reportagem possibilitou uma visualização didática dos possíveis cenários de infecção e ajudou alertar a sociedade em relação à gravidade da situação. O uso da base de dados para realizar as simulações somado às entrevistas com especialistas da área foi importante para dar credibilidade à reportagem e ajudar a criar uma relação de

confiança com a sociedade em uma situação de crise, ao contrário do que podemos observar em cobertura de outras pandemias, como comentamos anteriormente.

Além das animações e das entrevistas, a reportagem também conta com um gráfico interativo que mostra o aumento do número de infectados nos primeiros meses de pandemia nos Estados Unidos. Outro recurso muito utilizado na reportagem foram os hiperlinks. O autor os utilizou para referenciar outras reportagens do próprio Washington Post, que elucidam os demais fatores relacionados à pandemia.

O Washington Post disponibilizou a reportagem supracitada em outros 12 idiomas, além do inglês, de forma gratuita para qualquer usuário. Além disso, também é disponibilizado o link da fonte dos dados, o que é uma das recomendações para produções de JD mencionada no Manual do Jornalismo de Dados (2014).

Por fim, analisamos a reportagem “Coronavírus rastreado: os últimos números enquanto os países lutam contra o ressurgimento da Covid-19”⁸ (Coronavirus tracked: the latest figures as the countries fight Covid-19 resurgence), publicado no site do jornal Financial Times. Assinado pelo time de Jornalismo de Dados e Análises visuais do jornal, trata-se de um conteúdo dinâmico que é atualizado constantemente conforme a evolução da pandemia no mundo.

A reportagem utiliza dados de diversas fontes para fornecer gráficos que apresentam os impactos da pandemia por diversas perspectivas, desde os índices de mortalidade ao redor do mundo, até a questão dos impactos econômicos acarretados pela pandemia. Além da visualização por meio de infográficos, também é utilizado o recurso dos hiperlinks, que direcionam o leitor para outras reportagens referentes à pandemia produzidas pelo veículo. O leitor ainda tem a opção de receber alertas sobre atualizações na reportagem, o que garante praticidade no acompanhamento da situação da pandemia no mundo.

O caráter dinâmico da reportagem do Financial Times e a utilização de diversas bases de dados pode trazer para o receptor a sensação de mais confiança e transparência na informação, como observamos em Oliveira (2007). Ao final da reportagem ainda são disponibilizadas todas as fontes dos dados utilizados, inclusive com links para download, quando disponíveis. O leitor também é incentivado a colaborar com o aprimoramento dos gráficos produzidos, por meio de um endereço de e-mail disponível

⁸<https://www.ft.com/content/a2901ce8-5eb7-4633-b89c-cbdf5b386938>

na reportagem. Tudo isso contribui com a credibilidade da informação do estabelecimento da relação de confiança com o leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando nossa proposta de analisar a cobertura do Jornalismo de Dados sobre o Coronavírus, podemos considerar que, na perspectiva do que propõe a produção do JD, especialmente quando falamos da divulgação dos dados e das conclusões que chegaram para o público em geral, como já citado por Stray (2016), conseguimos identificar que, tanto no âmbito nacional, como internacional, as produções objetivaram tratar bases de dados, apresentar informações de fácil compreensão ao receptor e possibilitar acesso. Para isso, foram utilizados recursos como a infografia, mapas, animações e conteúdo interativo, por exemplo. Para Sarah Cohen (2012), a visualização é parte fundamental do Jornalismo de Dados e exerce, de acordo com a autora, múltiplos papéis, podendo ilustrar de forma atraente um ponto considerado de maior relevância nas informações tratadas ou, até mesmo, deixar mais transparente o processo de apuração. Ainda para a autora, quando os elementos visuais são interativos permitem ao receptor a exploração dos dados, como foi possível observar nas produções analisadas.

Observamos que, em relação a outras pandemias vivenciadas ao longo da história, o uso dos recursos e narrativas do Jornalismo de Dados ajudou a estabelecer uma relação de confiança entre a sociedade e a imprensa, uma vez que a utilização de bancos de dados como fonte para a produção de narrativas garantiu maior transparência em relação à informação. Ainda nessa perspectiva histórica da cobertura de pandemias, percebemos que situações de crise, como a da pandemia do novo Coronavírus, potencializam a aplicação de novos recursos no jornalismo.

Tendo em mente a dificuldade na cobertura de saúde no jornalismo observada por Kucinski (2001), imposta pela grande quantidade de dados e fontes que surgem nessas ocasiões e as possibilidades de processamento de grandes quantidades de dados trazidas pelo JD, como vimos em Trässel (2014), Howard (2014) e Mancini e Vasconcellos (2016), percebemos que o jornalismo de dados pode ser um grande aliado na cobertura de situações de crise e que talvez essa seja a cobertura de uma pandemia

mais bem sucedida da história recente, levando em consideração o fator da transparência e agilidade no processamento e disponibilização dos dados.

REFERÊNCIAS

BARRY, John M.. **A grande gripe**: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BRAGA, A. C.; MAZZEU, F. J. C. (2017). **O analfabetismo no Brasil**: lições de história. Revista on line de Política e Gestão Educacional, 21(1), 24-46. <http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.1.2017.9986>

BRADSHAW, P. **O que é jornalismo de dados?** In: GRAY, J.; BOUNEGRU, L.; CHAMBERS, L. (Org.). Manual de Jornalismo de Dados. Birmingham, condado de Midlands Ocidentais, Inglaterra, março de 2012. Disponível em: <<http://datajournalismhandbook.org/pt/index.html>>. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. **AIDS e infecção pelo HIV no Brasil**: uma epidemia multifacetada. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, [S.L.], v. 34, n. 2, p. 207-217, abr. 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0037-86822001000200010>.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; ROSA, Johnny de Moura. **“OS LEPROSOS DOS ANOS 80”, “CÂNCER GAY”, “CASTIGO DE DEUS”**: homossexualidade, aids e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. Revista Observatório, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 751-778, 1 jan. 2018. Universidade Federal do Tocantins. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p751>.

COHER, S. **A visualização como carro-chefe do jornalismo de dados**. In: GRAY, J.; BOUNEGRU, L.; CHAMBERS, L. (Org.). Manual de Jornalismo de Dados. Birmingham, condado de Midlands Ocidentais, Inglaterra, março de 2012. Disponível em: <<http://datajournalismhandbook.org/pt/index.html>>. Acesso em: 09 de out. de 2020.

GODOY, A. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v. 35, p. 57-63, 1995.

HOWARD, A. B. **The Art and Science of Data-driven Journalism**. Tow Center for Digital Journalism, Nova Iorque, Nova Iorque, Estados Unidos, 3 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://towcenter.org/wp-content/uploads/2014/05/Tow-Center-Data-Driven-Journalism.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.

KUCINSKI, Bernardo. A Ética na Informação em Saúde. In: MELLO, José Marques de et al (Org.). **Mídia e Saúde**. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001. P. 289 -305.

LANGBECKER A.; CASTELLANOS MEP; NEVES RF; CATALAN-MATAMOROS D. **A cobertura jornalística sobre temas de interesse para a Saúde Coletiva brasileira**: uma revisão de literatura. Interface (Botucatu). 2019; 23: e1800095 <https://doi.org/10.1590/Interface.180095>

LEGRAND, Roland. **Why Journalists should learn computer programming**. Mediashift, 2 de junho de 2010. Disponível em: <<http://mediashift.org/2010/06/why-journalists-should-learn-computer-programming153/>>. Acesso em 9 out. 2020.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fabio. **Jornalismo de Dados: conceito e categorias**. Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 18, n. 1, p.69-82, abr. 2016.

MENEGHIN, Paolo. **Entre o medo da contaminação pelo HIV e as representações simbólicas da AIDS: o espectro do desespero contemporâneo**. Rev.Esc.Enf.USP, v.30, n.3, p. 399-415, dez. 1996

STRAY, J. **The Curious Journalist's Guide to Data**. Tow Center for Digital Journalism, Nova Iorque, Nova Iorque, Estados Unidos, 24 de março de 2016. Disponível em: <<https://www.gitbook.com/book/towcenter/curious-journalist-s-guide-to-data/details>>. Acesso em 6 de out. de 2020.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2007.

TRÄSEL, M. **Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil**. Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, julho de 2014. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4590/1/461784.pdf>>. Acesso em: 04 de agosto de 2020.